

DISCURSO pronunciado na Assembléia Legislativa, em 30 de abril de 1936.

O Sr. Carlos Santos — Sr. Presidente, Srs. Deputados, amanhã, em todos os recantos do mundo a mão grosseira e calosa do operário, instintivamente afrouxando-se, deixará cair a ferramenta. No seu cérebro, do entrecocar de idéias há de ressaltar apenas a expressão da data que passa, e no seu coração só um desejo há de se aninhar — comemorá-la.

As chaminés das fábricas não vomitarão para o ar aquelas negras e espessas baforadas de fumo que, circunscrevendo no espaço figuras ilegíveis, traçam no entanto a expressão agigantada do trabalho. As engrenagens paralisarão o seu metódico movimento.

Não há de retinir a bigorna ao som ensurdecido do malho. Não se verão passar aqueles grupos numerosos e silenciosos que ao amanhecer rumam para a luta pelo pão quotidiano. Será a paralisação do trabalho e com êle, eu diria, do progresso, da civilização, da riqueza do homem e da grandeza dos povos. E' que na ampulheta imutável do tempo passará o dia do trabalho. Passará o 1.º de Maio despertando no trabalhador a lembrança da tenacidade, do entusiasmo e do despreendimento que sempre exigiram dêle, as conquistas humanas, de que hoje estão cheias as páginas da sua movimentada história, mas lembrando também a fé e o verdadeiro espírito de fraternidade de que se devem revestir todos os homens

para a solução dos elevados problemas que apaixonam a humanidade. E encerrando, no dia de amanhã, todo o meu pensamento dentro do âmbito nacional, vivendo com êles, trabalhador que sou, a vida transbordante de angústias, de incertezas e de dolorosas expectativas do proletariado brasileiro na hora que passa, hei de, por certo, reafirmar a minha fé nos destinos da nossa causa, o que equiivale a dizer: nos destinos do próprio Brasil, porque eu sinto tôda a grandeza da alma destas criaturas que antes mesmo de serem proletários, são mil vezes brasileiros e outras tantas vezes humanos.

Quando já cansada de tanger, na minha lira se quebrasse a última corda, quando já exausta a minha imaginação, eu não formulasse sequer um pensamento, quando, desfalecidas tôdas as minhas faculdades, eu não encontrasse no nosso vasto vocabulário uma palavra capaz de traduzir as vibrações profundas da alma nesta hora extrema, Sr. Presidente e Srs. Deputados, de extremo desfalecimento mental e espiritual, eu, num esforço, também supremo de amor a essa causa bendita do trabalhador, houvera de retomar a lira para dedilhar, que importa, um só acorde, de sacudir o pó que empanasse a minha inteligência, para conceber ainda que um só pensamento, rasgar, figuradamente, o véu da desistência de viver, para juntar êsse acorde, êsse pensamento e essa energia, retemperá-los nas amarguras da proletária gente, para fazer assim da minha palavra uma palavra que “soasse tão alto e ferisse tão profundo” como a palavra mágica do imortal Cícero negro “Tigre da abolição”, como muito bem o chamaram, “Messias anúnciado nas eras”, na expressão do poeta e que “apareceu dentro de uma tempestade de raios e de flores, acendendo cóleras, pensando feridas, despedaçando grilhões, fulminando orgulhos beijando cicatrizes, ateando a fogueira em que se havia de purificar o Brasil” — José do Patrocínio.

O operário e o regime

E isso, Sr. Presidente, se nessa hõra que estamos invocando, ante a mais absurda das hipóteses, dependesse da minha palavra, plasmar na argila do momento que passa, a certeza absoluta, a prova provada de que as instituições democráticas que caracterizam o nosso regime, a ordem, e o perfeito patriotismo teem na verdadeira expressão do proletariado brasileiro um pedestal gigantesco...

O Sr. Alberto de Brito — Apoiado.

O Sr. Carlos Santos — ...uma base indestructível, um perfeito capitólio moral, condições essas que no operário mais do que em outra classe qualquer, avultam em expressão, em valor, em grandeza, pois que, eu afirmo sem mêdo de contestação, é mais expressivo o patriotismo, o respeito à ordem e ao regime, quando externados pelo operário, porque ao pobre, ao proletário. — com sobrada razão o afirmou D. João Becker, nas suas monumentais “Normas de renovação social”. “ao pobre, ao proletário pouco lhes importa a forma estatal da Nação, o que lhes interessa é a doutrina com que um ou outro regime inspire e informe a legislação social”. E se o operário, mau grado as provações a que se tem submetido, respeita e defende o regime dentro do qual elas se consumam, repito, Sr. Presidente, o patriotismo, na sua verdadeira concepção, tem no trabalhador brasileiro a sua mais forte expressão. E é essa a certeza que me intumece a alma e que me transborda o peito de civismo, de altivez, da índole e do sentir do proletário brasileiro e de uma forma especial, do proletariado do Rio-Grande-do-Sul, cuja representação nesta Casa, em tão péssima hora coube a mim...

O Sr. Adolfo Peña — Um dos mais brilhantes.

O Sr. Carlos Santos — Agradecido a V. Ex.

(continuando)

...o último entre os menos capazes, embora eu pos-

— 78 —

sa afirmar, com orgulho, não entre os menos sinceros, os menos leais.

O operário gaúcho e os acordos políticos

Daí, Sr. Presidente e Srs. Deputados, a serenidade com que eu encarei o “modus vivendi” estabelecido, entre as correntes partidárias, do qual resultou a pacificação política do Rio-Grande-do-Sul, visando o “bem geral do Estado” e “concorrer com os seus esforços para a “estabilidade das instituições democráticas”. Daí a quietação com que o povo trabalhador recebeu a nova do acôrdo político gaúcho, e vem assistindo às demarches para o nacional, escudado na certeza de que, se êle foi ou é parte inspiradora desta aproximação entre os partidos políticos, o é não como inimigo das instituições que nos regem e, sim, como partícula avantajada que é da família brasileira, família que êsses acordos pretendem beneficiar.

O Sr. Adolfo Peña — Muito bem.

A Revolução de 30

O Sr. Carlos Santos — E se pairasse sôbre as minhas afirmativas uma sombra sequer de dúvida, bastaria para desfazê-la um simples olhar retrospectivo através desta história soberba que estamos escrevendo para a posteridade, e sem o menor esfôrço veríamos, nos gloriosos e inesquecíveis dias de outubro de 1930, quando todo o Brasil, sacudido por um frêmito de civismo e revolta, exultava diante da grandeza da gaüchada, que una e magestosa atendia àquela voz de comando “Rio-Grande de pé pelo Brasil”, veríamos entre as dezenas de milhares de homens que o Rio-Grande-do-Sul mobilizou em 48 horas, o trabalhador rio-grandense engrossando a coluna moral, sôbre a qual havia de se efigear a nova República.

— 79 —

Veríamos o trabalhador dos pampas, diante do altar da Pátria para comungar, transbordante de fé, “A hóstia sacrosanta da redenção Brasileira” num templo magestoso de Liberdade e de Justiça.

E que ideal lhe povoava o cérebro senão o da verdadeira Democracia que se asfixiava num ambiente tacanho de paixões e pessoalismo? A quem êle defendia com o sacrifício da própria vida senão as instituições democráticas que, fragorosamente desmoronavam ao sôpro violento das oligarquias e dos desmandos dos governantes de então.

O Sr. Adolfo Peña — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — Veríamos ainda, vitoriosa a revolução, quando a alma brasileira vibrava, sacudida por entusiasmo e fé, através da suas repetidas manifestações de júbilo, o trabalhador formando a onda maior daquele mar humano que nas ruas, nos teatros, nos comícios davam expansões às vibrações da alma. E a quem o proletariado queimava o insenso puríssimo do seu entusiasmo e da sua esperança senão à democracia que êle proclamava vitoriosa com a vitória daquela arrancada, da qual Flôres da Cunha dizia “Ou se volta com honra ou não se volta mais”.

O Sr. Adolfo Peña — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — Qual o regime que êle glorificava naquela verdadeira apoteose de delírio, senão o regime democrático de que se revestiu a Aliança Liberal ao lançar o seu programa ao povo brasileiro.

Reformas sociais

Findo o prélio das armas, iniciou-se o das idéias e dos costumes. Veio a sindicalização das massas e o proletariado brasileiro, como um só homem, cerrou fileiras em tórno do seu Sindicato de classe e, Brasil a fora, ao som das clarinadas ensurdecedoras da esperança, o proletariado se erguia de um letargo de 40 anos e levava para

a sua organização sindical, no cérebro a inspiração de um Brasil maior, no coração a pureza das intenções, e nas mãos o facho inflamante da Justiça e do Direito, que a própria revolução lhe ateara no espírito. E um só pensamento, um só e o mesmo desejo animava o trabalhador, era o pensamento, de cooperar na obra da reconstrução nacional, era o desejo de, unido, concorrer com o seu auxílio ao lado da ordem e das autoridades constituídas pôsto que, desde o início, o trabalhador brasileiro esposava a convicção de que o sindicato era, na expressão do legislador — “Um órgão de cooperação e de colaboração com o Poder Público no estudo e solução dos problemas que, econômica e socialmente se relacionem com os interesses das classes”.

O Sr. Alberto de Brito — Muito bem, apoiado.

O Sr. Carlos Santos — E para vos dar, Sr. Presidente, um exemplo frisante da presteza com que o trabalhador atendeu ao apêlo para a sindicalização, basta citar que, criado a 19 de março de 1931 o decreto n. 19.770 que regulou a sindicalização das classes, em junho do mesmo ano, portanto 3 meses após, o serviço de estatística do D. N. T. acusava a existência de 372 Sindicatos de empregados, reconhecidos, sem contar os que aguardavam as respectivas cartas de reconhecimento, formando um total de 168.330 operários sindicalizados, representando essa cifra talvez menos de 50 % do número exato de operários sindicalizados porque ao D. N. T. só eram enviados, pelos Sindicatos, o número de sócios exigidos por lei para o seu reconhecimento.

Nessa ocasião o Rio-Grande-do-Sul, com 48 Sindicatos de empregados, figurava em quarto lugar na relação dos Estados que possuíam maior número de Sindicatos. E em novembro de 1932 o meu Rio-Grande mandava ao Rio-de-Janeiro uma representação, na qual eu tive a honra de formar, cuja representação sem exagêro estava autorizada a falar em nome de quase 10 mil operários sindicalizados, ou seja, de quase um quinto da população rio-

grandina. Pôrto-Alegre, na mesma ocasião, mandava à Capital Federal numa embaixada que falava também em nome de milhares de operários sindicalizados, e lá encontramos representações inúmeras do Centro e do Norte do país, interpretando todos o sentir de milhares de operários sindicalizados. E unindo-se assim, com tanta espontaneidade, o operário brasileiro, o fazia não para combater o regime imperante no Brasil e sim para defendê-lo, solidificando-o na defesa da sindicalização das classes.

O Sr. Alberto de Brito — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — E essa sindicalização trouxe no seu bojo uma vasta legislação trabalhista que, bem compreendida e bem aplicada, era só por si a coluna moral da revolução, dessa revolução que foi a “marcha incoercível e complexa da nacionalidade, a corrente impetuosa da vontade popular quebrando tôdas as resistências, arrastando todos os obstáculos, à procura de rumos novos na encruzilhada dos erros do passado”. E os milhares de trabalhadores que correram a cerrar fileiras em torno do seu Sindicato e os milhares de trabalhadores que aceitaram e se abrigaram à sombra da legislação que surgia, eram bem a encarnação viva do proletariado brasileiro, transformado na figura mitológica de Atlas, negando guarida ao Gerseu das ideologias contrárias à nossa mentalidade e carregando, por isso mesmo, sôbre os ombros o céu aureolado da Democracia brasileira.

Catequese

Mas, Sr. Presidente e Srs. Deputados, já Pirilo Gomes afirmou no seu “Liberalismo” — “Um conflito de princípios não se restringe ao campo teórico” e o conflito de princípios e o entrechoque de idéias com que, naturalmente, se formou o ambiente brasileiro, ante a reforma social que se pretendia, transformou a questão social do Brasil, num Gólgota, no tôpo do qual se erguia, suspenso na Cruz da resignação, o próprio trabalhador bra-

sileiro, embora, Sr. Presidente, esta questão, considerada antes de 30 como um simples caso de polícia, surgisse após a revolução, entre outros inúmeros e diferentes aspectos, também como um caso de catequese. Catequese àqueles que, beneficiados pelas leis trabalhistas, foram surpreendidos por uma mentalidade muito aquém daquela que uma perfeita concepção do início dos deveres e do término dos direitos estava a exigir. Catequese àqueles que, pagos para serem os guardas fieis da execução destas leis, ou por um interesse mesquinho e pessoal ou porque não se sentiam fortes dentro do âmbito das suas funções ante o poderio dos grandes e a ínfima condição dos pequenos asfixiavam êles próprios a estrutura jurídica e moral das leis que representavam. Catequese enfim àqueles que, prejudicados economicamente pelas conquistas mínimas e justas asseguradas em lei ao trabalhador nacional, não compreenderam que era obra de puro patriotismo, de humanidade, de justiça e de prudência mesmo dar espontaneamente, aceitar e distribuir com elevação ao trabalhador aquilo que amanhã, desesperado êsse trabalhador, poderia exigir, e talvez em maiores proporções, pela violência.

Violências

E já 300 anos antes de Cristo, Aristóteles, o famoso estagirita que foi chamado o príncipe dos filósofos, dizia: “A filosofia ensina a fazer voluntariamente o que os outros fazem por violência”. E se a “ciência geral das coisas dos seres e dos princípios” assim o determina, doloroso é afirmar que a violência foi o fantasma encontrado, pela transformação social que a revolução de 30 operou no Brasil, na estacada vigorosa da visão ampla daqueles que viram na realidade brasileira “A questão social como um dos problemas que teriam de ser encarados com seriedade pelos poderes públicos”.

— 83 —

Violência gerando violência e fazendo resaltar o reacionarismo com que os maus brasileiros receberam as leis de amparo ao elemento trabalhador como a mais vigorosa demonstração do espírito anti-democrático dêstes fariseus modernos, esquecidos de que “se o protecionismo brasileiro favoreceu aos industriais em proveito da fortuna privada”, deve também, é o mais alevantado princípio de patriotismo que o diz, “acudir ao proletariado com medidas que lhe assegurem relativo conforto e estabilidade e o amparem nas doenças como na velhice”.

O Sr. Alberto de Brito — Muito bem.

Contrastes

O Sr. Carlos Santos — Porém, contrastando com a sua alta finalidade, a sindicalização, pelo que atrás eu expus, criou um exército de vítimas, que pagaram com a miséria, com a fome e com o desemprego o grande crime de aceitarem, abraçarem e defenderem a aurifulgente majestade da lei, expressão suprema da soberania de uma Pátria. E em meio dêste vendaval de oposições sistemáticas, a obra de reconstrução nacional, obra revolucionária que, conforme declarou o então chefe do Governo Provisório, em setembro de 1931, “procurou dar ao trabalho uma organização modificada aos seus institutos tradicionais e que, sem o apêlo à destruição, encontrasse uma forma isenta de tirania que mantivesse o aparelho econômico-social inspirando-se no princípio orgânico e justo da colaboração e da cooperação” em meio dêste mar revolto de descrenças e incertezas, de promessas e negações, em meio dêste naufrágio da vontade de ajudar a levar o Brasil à grandiosidade dos destinos que a revolução lhe traçou, em meio de tudo isso. Sr. Presidente, Srs. Deputados, o trabalhador brasileiro não mentiu às suas tradições, não traíu o passado glorioso do glorioso povo da terra de Santa Cruz, nunca ele negou o tudo que representa o seu auxílio ao prestígio e à manutenção das instituições de-

— 84 —

mocráticas no Brasil, antes muito ao contrário, as investidas do reacionarismo contra o ingresso do operário no concôrto, eu diria quase da nacionalidade, êle respondia imitando o gesto heróico de Cúrcio, aquele joven romano e, vendo aberta diante de si a terra da grandeza do Brasil e tendo-lhe o oráculo da reconstrucção nacional declarado que essa terra só se fecharia quando nela a Nação lançasse o que em si reünisse maior soma de sacrifício e de valor, o proletário brasileiro, compreendendo que prima por essas duas qualidades lançou-se resoluto no abismo para que, fechando-se êste, sôbre êle se erguesse a própria grandeza da Pátria brasileira feliz, una, forte e livre.

Falsos defensores do regime

Sr. Presidente, Srs. Deputados, onde mais elevação de espírito, onde mais abnegação, presa a uma situação miserável e quase insustentável oriunda da crise de trabalho, da carestia da vida, da insignificância dos salários, de dificuldades outras, um rosário em suma de circunstâncias que pouco a pouco vão lhe roubando o mais sagrado de todos os direitos, o direito de viver, ainda e mais, moralmente abatido pela liberdade que muitas vezes lhe é tolhida, de uma reclamação justa, uma queixa ponderada, uma censura amena porque aí então os pseudo-patriotas, falsos defensores da integridade da Pátria, hipócritamente vão buscar na justa, elevada e nobre campanha de brasilidade, iniciada contra os verdadeiros inimigos da nossa Pátria, da ordem e do regime, perfeitos iconoclastas da nossa nacionalidade, aí então, repito, os verdadeiros inimigos do regime, se revestem, sacrilegamente, até da capa de segurança nacional para atirarem sôbre o indefeso trabalhador o labéu de extremista. E o acusam, e o perseguem, e o castigam como elemento subversivo à ordem e ao regime, meu Deus, como se subverter a ordem e destruir o regime fôsse, dentro da

ordem, procurar livrar o regime das injustiças e maldades que o corrompem e enfraquecem. E o operário inculto, falho de instrução, o operário que não estuda, que não lê, que não sabe, firma-se na convicção de que, ser comunista, ser extremista é, por exemplo, denunciar ou representar contra um chefe desleal, vingativo e indigno, contra um chefe que demite ou transfere sumariamente aqueles que se não submetem às baixesas do seu feitio, contra um patrão que faz da sua fábrica, da sua oficina ou do seu campo o navio negreiro cantado por Castro Alves, a cujo bordo seguiam “legiões de homens negros como a noite, horrendos a dansar, negras mulheres suspendendo às tetas magras crianças cujas bôcas pretas rega o sangue das mães, outras moças mas nuas e espantadas no turbilhão de espetros arrastadas, em ânsia e mágoa vã”, contra enfim, um infrator obstinado, no cumprimento exato da lei reguladora da matéria trabalho.

E nessa concepção errônea do que é comunismo o operário é capaz de aceitá-lo, de intimamente sentir-se inclinado a êle e, quem sabe, lutar até pela sua implantação no Brasil, crendo que lutam pelo bem da brasileira gente.

Dizei-me, Sr. Presidente, Srs. Deputados, qual dos dois se nos afigura incurso nas penas da lei que define crimes contra a ordem política e social, o inculto e espoliado e revoltado que julgou sê-lo sem o ser ou o reacionário que maldosa e concientemente despertou nêle o desejo de o ser, propagando pelas suas injustiças e deshumanidades a doutrina contrária ao regime de que êle se diz casto defensor?

Patriotismo

Pois bem, Srs. Deputados, no meio de tudo isso, qual rocha imensa erguida em meio de um mar encrespado, o trabalhador brasileiro não perde ensejo de externar o seu amor ao Brasil, o seu desejo de defender o Brasil, a sua

ânsia de salvar o Brasil. Em meio de tôda esta confusão de princípios, de meios e de fins, os alicerces da nova República estremeceram sacudidos pelos sangrentos acontecimentos de novembro último e que, enlutando o Norte, enlutaram também, enchendo de tristeza, o Brasil inteiro. Pois foi bastante alguém declarar que o movimento era extremista, que êle visava destruir o que o Brasil tem de mais caro, santo, nobre e tradicional, para que o operário, fazendo embora do comunismo e do extremismo a idéia que expus, ainda assim, clara e rapidamente se definisse colocando-se, conforme a imprensa do país amplamente divulgou, ao lado da ordem, das autoridades, numa palavra, em defesa do regime.

O Sr. Adolfo Peña — E' prova de que o proletariado está bem orientado no sentido da defesa nacional.

O Sr. Alberto de Brito — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — Sr. Presidente, Srs. Deputados, não é preciso mais. Mais alto do que eu há de vos falar na voz da Justiça, a serenidade e lealdade com que o trabalhador brasileiro, vem ajudando a construir o edifício da República de 1930.

Predisposição

E o acôrdo político do Rio-Grande-do-Sul surpreendeu o operário gaúcho nessa predisposição de espírito. E se êle o comentou foi apenas para perguntar a si próprio, o que mais exigirão de nós? E' com a consciência isenta de qualquer mácula que êle vê deslizar pela sua mente, uma por uma, as razões do acôrdo — “Promover a pacificação dos espíritos — Bem geral do Estado — Gravidade dos problemas políticos, econômicos e administrativos da atualidade — Esforços para a estabilidade das instituições democráticas — Exercício dos direitos de imprensa, reunião, associação e propaganda de acôrdo com a Lei”, e compreendendo que êle nunca se ergueu como um entrave à realização dêsses objetivos, antes ao contrário,

que inúmeras vezes se ofereceu em holocausto à sua efetivação, o proletariado gaúcho recebeu o acôrdo político dêste Estado e receberá qualquer outro acôrdo que tenha por base a defesa do regime brasileiro, com a serenidade de quem nada tem a retroceder, na trilha a que dispôs vencer.

O Sr. Adolfo Peña — Muito bem.

Voto de congratulação

O Sr. Carlos Santos — E é com êsse operário magnânimo, ordeiro, patriota e nobre que a minha bancada exulta, ao sentir-se perfeitamente integrada nos mais puros sentimentos de solidariedade e reafirma, sinceramente através da minha palavra desalinhada, lealdade em todos os desígnios, sinceridade em todos os propósitos na defesa dos seus legítimos interêsses. Dia do trabalho, Sr. Presidente, é a expressiva denominação do dia de amanhã. Dia máximo portanto para o trabalhador, para o proletariado.

E como uma significativa homenagem dos representantes do povo do Rio-Grande-do-Sul, ao braço nacional, expressão vigorosa da nossa grandeza e do nosso valor, coube a mim a grande honra de solicitar a V. Ex., Sr. Presidente, como neste momento solicito, a inserção na ata da presente sessão, de um voto de congratulação com o proletariado brasileiro pela passagem, amanhã, da data grandiosa e magna de 1.º de maio.

Uma marcha soberba

E êsse voto, Srs. Deputados, dirá bem da grandeza das vossas almas, do patriotismo dos vossos espíritos. O operário brasileiro é tão digno dêle como o é da própria Pátria Brasileira. E nessa hora decisiva que estamos vivendo, hora de definições e clarezas de atitudes, o proletariado gaúcho, que incarna com tanta dignidade, o pro-

letariado nacional, há de reforçar em si o desejo de vos acompanhar nesta marcha vigorosa, unidos todos, ao pôrto seguro da Liberdade, da Justiça, do Trabalho, do Amor, da Paz, numa palavra, da verdadeira Democracia.

Marcha soberba em que o Rio-Grande-do-Sul, outra vez “de pé pelo Brasil”, lance o anátema do seu profundo espírito de brasilidade contra os agitadores profissionais que explorando miseravelmente a boa fé do proletariado, vivem insuflando em seu meio a desordem e o ódio, tornando mais insustentável a sua já dolorosa condição moral, econômica e social. Contra os Messias falsos e baratos que “falam muito em amor para esconder o seu ódio”.

O Sr. Alberto de Brito — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — Contra os masorqueiros sem pátria que repetem, não raro, a cena bíblica do Iscariote, beijando-nos a face para nos entregar logo após aos escribas e fariseus, que num sinedrim de ideologias estranhas, hão de julgar e condenar as instituições que caracterizam a nossa mentalidade.

O Sr. Alberto de Brito — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — Contra os demagogos, defensores improvisados das classes proletárias e humildes e que fazem da fome, da miséria e da situação do proletário, o cavalo de pau dentro do qual pretendem a tomada da Tróia nacional. Contra enfim, os Neros e Messalinas modernos, aqueles ordenando a queima das nossas tradições para gozarem o incêndio da mentalidade brasileira e estas vendendo em praça pública e sem corar, a honra, a moral e a dignidade dessa mesma Pátria Brasileira. Mas, Sr. Presidente, Srs. Deputados, como penhor seguro do triunfo desta marcha que será o triunfo do Rio-Grande-do-Sul, para glória do Brasil, nação culta e nobre, contra também a estúpida exploração de que é vítima o proletariado entregue à sanha desenfreada dos escravocratas modernos que, confessando públicamente amor à Pátria, fazem da Pátria as suas barrigas cheias e do patriotismo a realização dos seus mais absurdos caprichos. Con-

tra a legalização da continuação de um sistema no qual, o trabalho na expressão de Pio XI, é “convertido em instrumento de perversão fazendo com que da oficina, só a matéria saia enobrecida, os homens ao contrário saem corrompidos e aviltados”.

Contra a estabilidade de um estado de coisas que caracteriza o operário como uma “fraqueza na indigência”, cuja maioria aí está, enfrentando desesperadamente a impertinente obstinação dos poderosos, em respeitar as leis do amparo ao trabalhador — maior, pior e mais eficiente campanha contra o nosso regime. Contra, enfim, tôda a espécie de reacionarismo que campeia desenfreada Brasil afora, empenhada na triste e impatriótica missão de levar ao seio do trabalhador nacional o desânimo, a desilusão, o ódio e a revolta.

Paz autêntica

E o Rio-Grande-do-Sul assim vencerá, e com êle vencerá o Brasil, porque nos seus espaços aureos e luminosos, como irradiações fulgurantes de fé, de amor e de justiça, há de se desdobrar como um pátio sublime a verdadeira paz, essa paz de que tanto carece a humanidade, mas que o homem se sente impotente para implantá-la no mundo. Paz que não será, na expressão de um patriota ilustre “capitulação espesinhada dos humildes” nem “um favor dos poderosos”. Mas aquela paz autêntica cantada pelos anjos quando dizendo “Gloria a Deus nas Alturas” concluíam. “E Paz na terra aos homens de boa vontade”.

Pátria forte

E faremos obra de puro patriotismo, porque desalojaremos então dos seus últimos e mais recônditos redutos a figura augustiante daquela época que arrancou do presidente Getúlio Vargas essa expressão dolorosa — “Pá-

tria, possuimo-la vasta geogrâficamente e de fronteiras extensas, conquistadas e mantidas pela energia dos nossos maiores. Mas, a Pátria, terra da fartura e do conforto, Mãe carinhosa para todos os seus filhos, templo de justiça e fraternidade humana, onde vivam livres e felizes milhões de cidadãos dignos dêste nome, pela consciência dos seus direitos e conhecimento dos seus deveres, Pátria forte pela riqueza e admirada pela sua bondade, Pátria assim, precisamos ainda conquistá-la.

Disse.

(Muito bem. Muito bem. Palmas no recinto, tribunas e galerias. O orador é cumprimentado e abraçado por todos os colegas.)